

DE CACAU (1933) A SÃO JORGE DOS ILHÉUS (1944): A MEMÓRIA DA RECEPÇÃO CRÍTICA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE JORGE AMADO

José Otávio M. Badaró Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: juca_badaro@hotmail.com

Marcello Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

965

INTRODUÇÃO

As tradições poéticas gregas e latinas nos ensinam que a escrita é *medium* de eternização e suporte da memória. “Dignum laude virum musa vetat mori”¹ (“A Musa não admite que o homem louvável morra”). A imortalidade, garantida pela Musa, era propriamente a fama, cultivada pela poesia, que seria a melhor maneira de sobreviver na lembrança dos contemporâneos e das futuras gerações. Vida eterna era, pois, aquela que pudesse reunir grandes feitos, notáveis e memoráveis façanhas. Conforme Aleida Assmann, lendo Girolamo Cardano, em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011), a constituição da fama envolvia três condições que estão interligadas entre si, a saber, as grandes realizações de homens dignos de louvor, a documentação delas e a garantia de sua rememoração na posteridade.

Assim, desde a tradição grega e latina, constitui-se uma relação permanente entre poesia e memória, isto é, escrita e perenidade. Deste modo, temos a ideia, portanto, de que o verso, enquanto produção poética para a posteridade, resiste ao tempo como um monumento. Enquanto obras arquitetônicas, esculturas e estruturas colossais sofriam as implacáveis ações do tempo e ainda estavam sujeitas às consequências de guerras e ataques inimigos, os escritos, em tabuletas, papiros e pergaminhos, eram, incansavelmente e silenciosamente, copiados, lidos e comentados. A poesia, cultora da fama, persistia e se constituía como um recurso indubitável contra a segunda morte do homem: o esquecimento.

¹ Horácio, Carminum IV, 8.



Nossa referência aqui às práticas letradas antigas é apenas para demonstrar a constituição da escrita como suporte da memória na longa duração. Posto isso, para compreensão daquilo que chamamos de “memória da recepção crítica”, iremos tomar os textos críticos produzidos sobre o *corpus* amadiano compreendido em *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944), ao longo do século XX, publicados em jornais, suplementos e revistas literárias, compêndios, antologias e histórias da literatura. Consideramos, pois, essas fontes como suportes da memória, ou seja, como *medium* de eternização de sentidos, significados, valores, ajuizamentos e usos das obras do escritor. Podemos dizer que a constituição dessa memória sobre a recepção crítica representa as inúmeras leituras que os romances suscitaram desde o momento em que foram publicados, em uma abordagem diacrônica, e também sincrônica, identificando as avaliações e os variados léxicos críticos mobilizados para apreciar, quer positiva ou negativamente, esse conjunto de textos literários.

METODOLOGIA

A ideia de uma sedimentação de sentidos, que determinada obra literária provoca ao longo de sua cadeia de recepções, está presente nos estudos dos teóricos da Escola de Konstanz, na Alemanha, que promoveram, no final dos anos de 1960, uma significativa mudança de perspectiva na análise de textos literários. A publicação da aula inaugural de Hans Robert Jauss, *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft* (A história da literatura como provocação à ciência da literatura), em 1967, é considerada como um marco importante porque privilegiou um pólo até aquele momento menosprezado nos estudos de literatura: o leitor. Na contramão da tradição histórica, que favorecia o autor, a obra e seu gênero, Jauss defendia que a experiência estética é, antes de mais nada, um efeito experimentado pelo receptor, não algo constituído e definido *a priori*, mas aquilo que se produz no ato da leitura. Sendo assim, se somente na atividade “produtora, receptiva e comunicativa” (*Poiesis, Aisthesis* e *Katharsis*) do leitor se dá a constituição do sentido, temos, finalmente, a figura do receptor como aquele que passa de agente passivo para ativo nas discussões sobre o objeto literário.

Pouco tempo depois de Jauss, seu colega e também promotor do movimento que ficou conhecido como Estética da Recepção, Wolfgang Iser, publicaria, em 1970, o

Realização:



Apoio:





texto inaugural *Die Appelstruktur der Texte* (A estrutura apelativa dos textos), dando corpo à teoria e, em conjunto com o texto de Jauss, causando um grande impacto sobre duas correntes de interpretação que, naquele período, dominavam os estudos de literatura. Conforme Costa Lima, crítico e tradutor de inúmeros ensaios e livros sobre os teóricos de Konstanz para a língua portuguesa, os estudos de recepção eram, sobretudo, uma maneira de evitar o antagonismo entre marxismo literário e estruturalismo.

[...] a estética da recepção se apresentava como alternativa a um imanentismo burocratizante. Mas não só. Do outro lado, na Alemanha Oriental, apesar da influência intelectual de um ex-discípulo de Auerbach, Werner Krauss, dominava um marxismo reflexológico. A estética da recepção aparecia pois como opção contra o torpor filológico e o mecanicismo a que, malgrado o esforço de Krauss e de alguns de seus discípulos, o marxismo fora reduzido. Era uma opção intelectual e política (LIMA, 1979, p.13).

No presente trabalho, recorreremos aos estudos de recepção porque eles nos auxiliam a evitar duas maneiras, ao nosso ver pouco satisfatórias e irrefletidas, de ajuizar os romances de Jorge Amado, sobretudo aqueles que compõem o *corpus* referido anteriormente. A primeira tem a ver com a ideia de que a biografia do escritor, suas escolhas políticas e ideológicas, bem como seus traços psicológicos, fossem capazes de explicar o fenômeno literário. Uma postura dessa natureza, equivocadamente, desconsidera aquilo que é específico do objeto literário, ou seja, a noção de que a literatura possui seu estatuto próprio, de que a obra literária verbaliza algo que não existe fora dela e que, portanto, é indispensável a utilização de seus próprios métodos para interpretá-la. Assim, analisar um texto literário somente por meio dessa perspectiva é desprezar, justamente, a especificidade da própria linguagem, ignorando que um texto é, antes de mais nada, um discurso de natureza própria e que não se limita a ser um instrumento de explicação de algo que está fora dele.

Os estudos dos teóricos da Escola de Konstanz também nos ajudam a escapar de uma segunda postura diante dos romances amadianos, essa, igualmente, adotada por grande parte da crítica brasileira do século passado para interpretar a obra do escritor: a noção de que o empreendimento ficcional de Jorge Amado seria, peremptoriamente, tributário da realidade social em que vivia seu autor, sendo sua literatura um mero espelhamento das estruturas da sociedade baiana da primeira metade do século XX, isto é, um produto acessório do tecido social da Bahia naquele período. Diante de tal perspectiva, temos, mais uma vez, a linguagem condicionada à noção de instrumento a



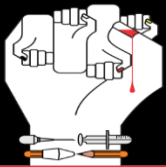
serviço da documentação da realidade, em uma espécie de crônica social, ou mesmo de desprezioso relato histórico. Desta maneira, Jorge Amado seria, antes de artista da palavra, historiador, antropólogo, sociólogo e cronista de Salvador ou das cidades do interior da Bahia onde suas histórias foram ambientadas.

Com o intuito de facilitar a compreensão dos textos críticos produzidos sobre os romances amadianos e organizar a vasta recepção que se estendeu por mais de 50 anos, propomos estabelecer três momentos que, embora distintos, não podem ser dissociados completamente. À primeira fase chamamos de “crítica impressionista”, isto é, aquela publicada em jornais e cadernos literários ao longo de pelo menos duas décadas, entre os anos de 1930 e 1940, também denominada de “crítica de rodapé”; à segunda demos o nome de fase da “sedimentação dos juízos”, em um período que vai dos anos de 1950 até 1980, quando muitos posicionamentos críticos são sedimentados em histórias literárias e compêndios; e, por fim, a fase que nomeamos de “a emulação canônica e outras leituras”, a partir dos anos de 1990, quando os juízos sedimentados nas antologias literárias são considerados como interpretações universais e, por isso mesmo, emulados e repetidos em artigos de revistas científicas, dissertações, teses e textos publicados em edições comemorativas.

Para Iser, a redução do texto ficcional a uma significação referencial é apenas uma fase histórica da interpretação, que teria encontrado seu crepúsculo com o surgimento da arte moderna. No entanto, não é exatamente isso que encontramos nos ajuizamentos críticos da literatura brasileira na segunda metade do século XX e nos primeiros anos do XXI, que parecem insistir na emulação dos críticos canônicos e na predominância da perspectiva analítica que privilegia o mundo social, que supõe o texto como reflexo do contexto sócio-histórico ou documento a serviço da historiografia.

CONCLUSÕES

A noção de “memória da recepção crítica”, que aqui adotamos, nos serve, justamente, para compreender como se dá a hegemonia dessa sedimentação em detrimento de outras, de como ela é tributária de uma tradição romântica, naturalista, realista e, mais tarde, marxista, que faz sempre passar a convenção por natureza. Ao fim do levantamento dessa recensão, constatamos, por exemplo, a primazia do materialismo histórico para a leitura de romances tão heterogêneos quanto dessemelhantes, bem como



identificamos o arcabouço teórico-crítico utilizado para a notória rejeição de Jorge Amado na academia e a associação de sua obra ao rótulo de “literatura menor”.

Com Jauss, entendemos que uma das funções dos estudos de recepção é, justamente, criticar e refutar categorias histórico-críticas naturalizadas, que adquirem status de interpretação universal sobre determinadas obras. A partir do momento em que uma dada historicidade se sedimenta, é imprescindível, portanto, revisá-la com o intuito de verificar se o conjunto de juízos de valor que ela constitui sobre determinado *corpus* tem ainda alguma validade ou não na contemporaneidade. Nosso esforço é, precisamente, nesse sentido, apresentar a recensão anteriormente constituída e, simultaneamente, avaliá-la, julgá-la e, ao fim, decliná-la, para propor uma nova interpretação sobre o referido *corpus* amadiano, qual seja, uma leitura que considere, por exemplo, os grandes regimes discursivos que estavam por trás da produção ficcional do escritor. Regimes estes que eram vigentes no início do século XX, como as teorias antropológicas da mestiçagem de Gilberto Freyre, o chamado realismo social soviético e a ideia permanente de uma poética do romantismo alemão, a partir da noção de que a poesia e a criação artística nascem das realidades anônimas do povo e, assim, elas são uma expressão da alma das classes populares. A análise da ficção amadiana nos mostra, justamente, a presença desses regimes de verdade e não, exatamente, uma expressão fiel da realidade, como quis a crítica sociológica. Em outros termos, Jorge Amado não reflete a Bahia, ele constrói a Bahia de maneira simbólica.

969

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Recepção. Crítica. Jorge Amado.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. I. D. **A recepção crítica dos romances de Jorge Amado.** Colóquio Jorge Amado - 70 anos de Jubiabá. 1ed.Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Faculdades Jorge Amado, 2006, v. 1, p. 99-118.

_____. **Em torno de Gabriela e Dona Flor.** Organizado por Ivya Alves. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação. Formas e transformações da memória cultural.** Tradução de Paulo Soethe. Campinas: EdUnicamp, 2011.

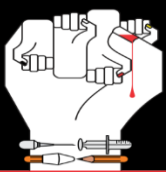
BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.

Realização:



Apoio:





ISER, Wolfgang. **O ato da leitura, vol. 1.** Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **O ato da leitura, vol. 2.** Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

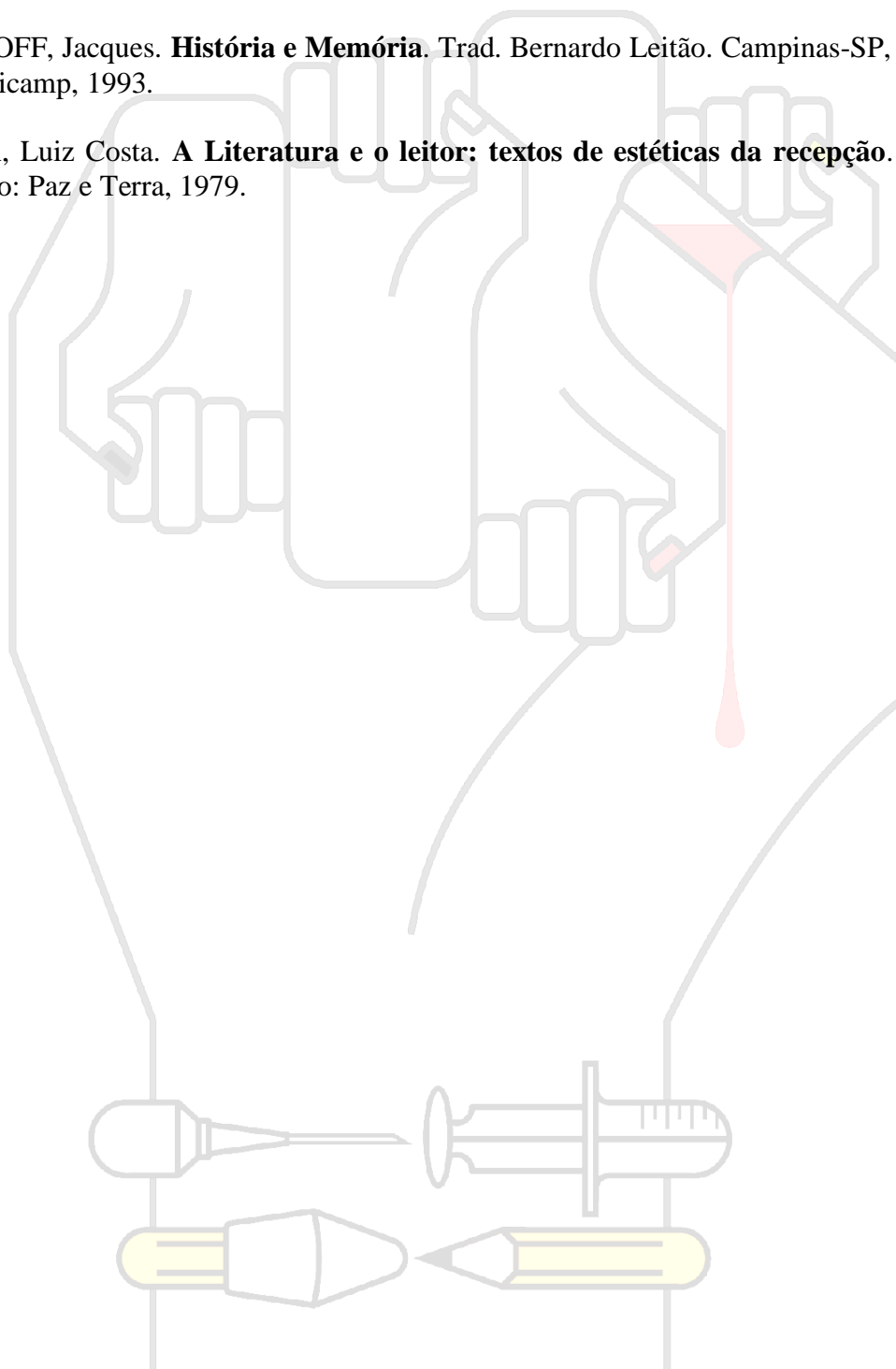
JAUSS, Hans Roberto. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

_____. **A Estética da Recepção: colocações gerais.** In: A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção. Trad. e org. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão. Campinas-SP, Editora da Unicamp, 1993.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

970



Realização:



Apoio:

